

Pragmatismo, Experiência e Linguagem: uma perspectiva interacional¹

Maíra Lobato Bicalho Chagas Moura Campos²
Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, MG

Resumo

Este artigo pretende refletir sobre o pragmatismo enquanto uma perspectiva para compreender como se dá a constituição de sentidos que circulam socialmente. A partir do pensamento do filósofo John Dewey e dos conceitos de experiência e linguagem, pretendemos evidenciar a centralidade das interações que ocorrem entre os sujeitos e as coisas do mundo na construção de significados para a realidade. Consideramos que essa abordagem desenvolvida com base no pragmatismo é rica para as reflexões no campo da Comunicação, na medida em que possibilita um olhar interacional para os fenômenos estudados na área.

Palavras-chave: Pragmatismo; experiência; linguagem; interação.

Introdução

Ao começar a pensar sobre que caminho seguir nesta reflexão, algumas indagações se fazem presentes. Talvez, sob o risco de seguir um formato mais teórico e reflexivo, a opção foi por não adotar especificamente nenhum objeto de análise e sim, pensar sobre como alguns autores e teorias estudados no campo da Comunicação configuram um outro olhar sobre o mundo e sobre fenômenos estudados pelas pesquisas em Comunicação. O presente artigo pretende pensar de que maneira as reflexões feitas com base na filosofia pragmatista, precisamente a partir de determinados autores dessa corrente, nos deslocam e nos ajudam a olhar para a sociedade e para a comunicação de uma outra maneira, a partir de uma determinada ótica. E quando se distingue um outro olhar, é importante situar, minimamente, em relação a que está se fazendo esta distinção. Este outro olhar se coloca em relação a uma lógica, que compreende o mundo de maneira mais dicotômica, polarizado, que separa as coisas para explicá-las, que não enxerga o mundo como algo em andamento, processual, que não enfatiza os aspectos relacionais e interacionais da vida social. Este outro olhar se distingue de uma lógica transmissiva para compreender a

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), email: mairalobatomoura@gmail.com

comunicação, de um entendimento que separa o processo comunicativo entre emissor e receptor.

O que se pretende discutir aqui é de que maneira determinados autores, teorias e conceitos desenvolvidos pela perspectiva pragmatista saltam da superfície do papel, extrapolam os limites teóricos e possibilitam uma outra forma de olhar para o mundo. Não só uma outra forma de fazer pesquisas acadêmicas, e um outro olhar de pesquisador, mas uma outra forma de estar no mundo concreto, de agir no cotidiano, de apreender diferentes realidades, de compreender contextos diversos, de seguir determinados valores, de se constituir enquanto sujeito e de apreender o social.

A reflexão aqui proposta sofre influência do pensamento pragmatista. Alguns pesquisadores no campo da comunicação, hoje, apoiam seus estudos nessa perspectiva. Apenas para citar alguns exemplos que inspiram essa reflexão, as pesquisas desenvolvidas no âmbito do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da UFMG (PPGCOM) de uma maneira geral, e mais especificamente dentro do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS)³, estão assentadas em um Paradigma Praxiológico de Comunicação. Referência essa, que vem do modelo desenvolvido pelo sociólogo francês Louis Quéré (1991) e do pensamento de autores pragmatistas como Jonh Dewey, Herbert Mead e William James, apenas para citar alguns dos principais expoentes dessa corrente. “A discussão de Quéré entende a comunicação como um processo de interação, realizado através da linguagem, colocado em ação pelos sujeitos” (SIMÕES, 2009, p.69).

É importante ressaltar que esta reflexão já vem sendo desenvolvida por vários pesquisadores no campo da comunicação nos últimos anos, e que o presente artigo busca apenas destacar alguns de seus aspectos e apontar sua força, como mostra Simões (2009) em um artigo que propõe uma abordagem praxiológica para analisar a constituição de celebridades na sociedade contemporânea. A riqueza do modelo praxiológico está na possibilidade que ele traz de “relacionar a objetividade do mundo e a subjetividade dos agentes” (SIMÕES, 2009, p.68).

O pragmatismo se mostra como um alicerce teórico para muitos estudos, não só nas discussões feitas nesse grupo citado acima, mas nos autores lidos por pesquisadores do PPGCOM, como Vera França (2003), Paula Simões (2009), entre outros, e na maneira como as reflexões feitas propõem um olhar para o mundo. A filosofia pragmatista se coloca

³ Podemos citar as pesquisas desenvolvidas por Vera França nos últimos anos: Valores em movimento no cenário midiático-social: leitura dos acontecimentos e da intervenção pública dos sujeitos (2014), Práticas comunicativas, valores e instituições (2010-2014). E as teses de Simões(2012), que analisou a constituição de celebridades contemporâneas à luz do conceito de acontecimento e Lana (2012) que investigou a participação de personagens públicas na vida cotidiana.

como algo norteador dessas reflexões. Ela é um conjunto de ideias e referenciais com os quais podemos olhar para os objetos do mundo, e a partir dos quais iremos traçar os caminhos para as nossas perguntas e reflexões. Tomando emprestada uma fala de Vera França em sala de aula, é como se colocássemos os óculos do pragmatismo para olhar o mundo. E o que isso significa? Significa que iremos ver o mundo a partir do “*modos operandi*” pragmatista. Significa que o nosso olhar e os nossos questionamentos serão orientados por esse conjunto de ideias e reflexões. Significa uma escolha por um determinado método, por uma determinada maneira observar a realidade. Significa que a nossa lógica de compreensão do mundo passa por essa lente do pragmatismo. E mais do que isso, significa também uma postura política e ideológica.

Pragmatismo

O pragmatismo tem uma preocupação central com a ação. Inclusive também é chamado de “filosofia da ação”. Para o pragmatismo, o sentido de uma ideia corresponde ao conjunto dos seus desdobramentos práticos, o sentido é dado pela ação que um determinado objeto irá proporcionar. Na filosofia pragmatista, o pensamento nasce da ação, o que faz pensar é a prática. O conhecimento é resultado da nossa ação no mundo. É esta a grande virada⁴ do pragmatismo.

A filosofia pragmatista surge para romper com o dualismo entre pensamento e ação. De acordo com a autora Thamy Pogrebinschi, “podemos definir o pragmatismo a partir de três características nucleares - o antifundacionalismo, o consequencialismo e o contextualismo” (POGREBINSCHI, 2005, p.25). A autora afirma que “o pragmatismo só pode ser compreendido pragmaticamente, ou seja, através do teste de suas consequências” (POGREBINSCHI, 2005, p.26).

O antifundacionalismo caracteriza-se pela rejeição de dogmas, de verdades absolutas, de algo fundante, de princípios perpétuos. Essa característica do pragmatismo “nega que o pensamento seja passível de uma fundação estática, perpétua, imutável” (POGREBINSCHI, 2005, p.26).

Já o consequencialismo aponta para a preocupação com os resultados, coloca a ação inscrita em uma temporalidade. Essa característica aponta para a “famosa questão

⁴ Ao mencionar essa virada, é importante situar que estamos nos referindo a uma virada em relação ao modelo positivista de ciência, perspectiva forte na segunda metade do século XIX e começo do XX, que é quando surgem as primeiras ideias pragmatistas (1871) com a criação do “Clube Metafísico” por Charles Peirce, William James e outros estudantes de pós-graduação de Cambridge.

pragmatista: quais as diferenças que as consequências disto ou daquilo podem acarretar?” (POGREBINSCHI, 2005, p.38). É a partir desta característica que se define que “o significado de uma proposição, bem como sua verdade, apenas podem ser conhecidos se forem verificados a partir do teste de suas consequências” (POGREBINSCHI, 2005, p.38).

E o contextualismo aponta para a força do contexto. Esta característica coloca o pensamento e a ação inscritos em um contexto, influenciados e influenciando um determinado contexto. De acordo com a autora,

Trata-se de insistir na importância de que as investigações filosóficas estejam atentas ao papel do contexto em seu desenvolvimento. [...] trata-se de reivindicar consideração às crenças políticas, religiosas, científicas, enfim, à cultura da sociedade e às relações que mantém com as instituições e práticas sociais. A este corpo de crenças, o pragmatismo chama de experiência. (POGREBINSCHI, 2005, p.49).

Essas três características principais do pragmatismo já nos indicam sua riqueza como abordagem para pensar a comunicação. Elas irão permear as reflexões a seguir. Especialmente esta última, que nos aponta para um conceito - chave: o conceito de experiência.

Dewey e o Conceito de Experiência

John Dewey foi um filósofo pragmatista, que fez parte da Escola de Chicago até 1906. Ao tratar do conceito de experiência, Dewey (2010) afirma que “toda experiência é resultado da interação entre uma criatura viva e algum aspecto do mundo em que ela vive” (DEWEY, 2010, p.122). Compreender a experiência como resultado de uma interação é um dos pontos cruciais para estabelecer este novo olhar mencionado acima. Como afirma Mendonça (2013) ao tratar das principais ideias de Dewey, “mundo e sujeitos se conformam mutuamente em um processo de ajuste contínuo [...]” (MENDONÇA, 2013, p.51). As experiências são constituidoras dos sujeitos e entendê-las dessa forma significa pensar que os sujeitos são constituídos por processos de troca, de relação e de interação. Significa pensar que se constituem mutuamente, e não que são conformados pelo meio, ou que são meros produtos de determinados sistemas ideológicos. “Os sujeitos sofrem o mundo e o alteram em misto de receptividade e agência, que alimenta um ciclo incessante de organização e desorganização” (MENDONÇA, 2013, p.51). Trazer a interação, a troca e a relação para este conceito é deslocar a maneira de compreender e olhar para o sujeito. É

passar a vê-lo como um elemento ativo e também definidor do processo, e não mais como algo passivo, como algo determinado externamente.

Ao compreender que somos constituídos assim, a partir de trocas, a partir de uma interação com mundo e não mais somente conformados pelo mundo, nossa postura muda em todos os aspectos. Passamos a significar as coisas que nos cercam, as situações que vivemos, as notícias que lemos e até mesmo os produtos que consumimos como resultado de um processo de troca. O sentido e a compreensão que temos do mundo passam a ser o resultado deste processo, algo processual, em construção, e não mais algo dado, pronto e acabado. Neste sentido, é fundamental entender que o que ouvimos ou lemos nos jornais será apreendido também a partir dessa interação. O sentido de determinada notícia será dado pela troca que se estabelece, pela interação entre o jornal, a TV, o locutor, as imagens, o áudio, o sujeito com todo o repertório que possui, o ambiente em que está, o momento da interação. Assistir ou ler os jornais deixa de ser uma operação de receber conteúdos e passa a ser uma operação de construir significados.

E isso nos traz uma série de implicações. Passamos a compreender, por exemplo, que o sentido de um acontecimento social, como a Copa do Mundo de Futebol, é o resultado da interação de toda a experiência do sujeito em relação à Copa com o conteúdo que assiste sobre o mundial, mais as conversas que tem cotidianamente, mais as suas experiências anteriores com futebol, mais os seus valores e suas expectativas. É uma equação infinita de elementos que se combinam. Para Dewey, “a experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver”⁵ (DEWEY, 2010, p.109). A Copa do Mundo terá diferentes significados para cada um dos sujeitos que a experienciam. Assim como as notícias sobre ela. Com isso, desconstrói-se toda aquela ideia de que a mídia manipula a sociedade, impõe determinados valores e discursos, define sozinha o sentido das coisas.

Outro exemplo que pode ilustrar bem essa reflexão é em relação às manifestações que aconteceram em junho de 2013 em várias capitais brasileiras. A partir do olhar fundado nesta perspectiva, percebe-se o quão diversificado é o sentido das manifestações para as pessoas de uma mesma cidade. Tomando as falas de pessoas que passaram, num mesmo período de tempo (data), pela experiência das manifestações em uma mesma cidade, observamos uma profusão de sentidos distintos. Há os que viveram a experiência das ruas, há os que experienciaram apenas pelos jornais, há os que ficaram presos no trânsito, há os

⁵ Nesta reflexão Dewey faz uma distinção entre experiência e experiência singular, entre algo estético e inestético. Mas não interessa aqui nos aprofundar nesta distinção.

que foram presos, há os que se machucaram, há os que apanharam da polícia, há os que reprimiram. E dentre todos estes, há os que apoiaram, os que condenaram, os que ficaram indiferentes. A experiência de cada um destes sujeitos é singular, é única. E é ao mesmo tempo partilhada e constituída socialmente. Mais precisamente, a interação⁶, (ou interações) que irá constituir o sentido das manifestações para cada um destes sujeitos, se dá de forma diferente para cada um⁷. Não há então, como pensar em uma manifestação, o “A Manifestação”. E sim em “Manifestações”, ou em diversos significados para um mesmo acontecimento do mundo.

Neste sentido, é importante destacar que esses sujeitos estão inseridos em uma sociedade e que também são constituídos pelas interações e trocas que se dão no âmbito social. O que estamos chamando atenção é para o fato de que cada um dos sujeitos é afetado de maneira diferente pelas experiências que vive. Mas essa afetação se dá totalmente intrincada e inserida no social. Os sujeitos são atravessados pelas experiências no mundo, em contextos socialmente constituídos. Sendo assim, a experiência possui uma forte dimensão social. Não há como pensar em um sujeito sendo afetado por qualquer experiência que seja, fora do contexto social.

Dewey enfatiza a dimensão do sofrer e do agir em uma experiência. Ele afirma que “a ação e sua consequência devem estar unidas na percepção. Essa relação é o que confere significado” (DEWEY, 2010, p.122). Isso nos esclarece mais sobre como se dá a constituição de uma determinada significação. Ao mesmo tempo em que o sujeito age no mundo, ele sofre as consequências de sua ação (agir e sofrer). E como afirma o filósofo “a interação dos dois constitui a experiência total vivenciada”, o que por sua vez, resulta na constituição de significações sobre o que foi experienciado. “A percepção da relação entre o que é feito e o que é suportado constitui o trabalho da inteligência” (DEWEY, 2010, p.124).

Na obra *Experiência e Natureza*, Dewey aborda a comunicação como uma das nossas realizações mais notáveis. Ele afirma que é a comunicação que nos coloca no mundo junto aos outros. Ao falar da comunicação, o filósofo aborda diretamente essa questão da significação. Ele rebate a ideia de que a significação seja algo de natureza psíquica, algo que é criado na cabeça dos sujeitos. Dewey entende a significação como sendo o sentido que atribuímos para as coisas, e este sentido não está nem na cabeça dos sujeitos e nem nas

⁶ Importante pontuar que não estamos igualando o conceito de experiência ao conceito de interação.

⁷ É importante esclarecer neste ponto, que não estamos fazendo uma defesa de um individualismo (ou de um relativismo) e negligenciando o fato de que os sujeitos vivem em sociedade, em grupo, e estão inseridos em uma determinada cultura, que também perpassa todo este processo de constituição de sentidos. O que se pretende é apenas enfatizar a dimensão da experiência dos sujeitos e a maneira como esta experiência é afetada pelos acontecimentos do mundo.

coisas em si. Para ele, a significação está na relação que os sujeitos estabelecem com as coisas, conforme já problematizamos.

Além de enfatizar que a significação não é algo dado e pronto, é igualmente importante ressaltar que ela não é algo fixo e acabado.

Quando ocorre o comunicar-se, todos os eventos da natureza tornam-se sujeitos a reconsideração e a revisão; são readaptados para que enfrentem as exigências da conversação, quer seja esta o discurso público, quer seja o discurso prévio chamado pensamento. Os eventos tornam-se objetos, coisas que possuem significado. (DEWEY, 1980, p.29).

Neste ponto, podemos retomar nosso exemplo das manifestações de junho de 2013 e pensar que o sentido atribuído, a compreensão do que é este evento por parte dos sujeitos está em constante resignificação. E assim como a compreensão de eventos do mundo está neste processo constante de atribuição de sentidos, a partir do que é experienciado, os valores que constituem esses sujeitos passam pelo mesmo processo. Como afirma Simões (2009), ao entender a comunicação como um processo de interação, enfatizando sua dimensão de troca, “a mídia [...] passa a ser vista como instauradora de interlocuções na sociedade em que se inscreve” (SIMÕES, 2009, p.75).

Podemos tomar essa mesma lógica para entender como se dá o processo de constituição dos sujeitos em relação aos valores que circulam na sociedade. Este processo também será resultado da experiência dos sujeitos no mundo, da interação desses sujeitos com o ambiente que os cerca, da relação entre o sofrer e o agir pela qual os sujeitos passam. E ao tomar essa perspectiva para pensar sobre os valores que nos constituem, torna-se elementar que da mesma forma que somos constituídos por valores experienciados na interação com os outros e com o mundo, constituímos os valores que circulam na sociedade. Ou seja, se temos posicionamentos machistas ou homofóbicos, isso tanto é resultado de valores que nos constituíram a partir da nossa experiência no mundo, quanto é consequência da nossa própria ação no mundo.

O exemplo pode parecer muito simplório e talvez não completamente adequado. Mas o que se pretende enfatizar é que a compreensão de todo esse pensamento e o mergulho nessa reflexão nos coloca em um outro lugar, nos permite não só uma outra abordagem analítica de objetos de pesquisa, mas também e, principalmente, uma outra postura concreta no mundo. Talvez, se é que podemos afirmar assim, esta seja a grande

influência pragmatista no nosso modo de operar: é a ação que produz o sentido, é o nosso estar no mundo e se relacionar com ele que produz a significação.

Ao trazer este conceito de significação, Dewey também traz a questão da linguagem, que para ele, também é central. Ao criar a linguagem, os sujeitos começam a lidar com as coisas na ausência delas. E neste processo de significação, a linguagem afeta diretamente a relação dos sujeitos com as coisas e conseqüentemente o sentido delas.

A linguagem como uma forma de ação

Dewey entende a linguagem como um resultado da nossa experiência no mundo. É a linguagem que nos permite a comunicação com o outro e a apreensão das coisas do mundo. O próprio processo de pensar se dá através da linguagem. “Pode-se afirmar seguramente que os eventos psíquicos, [...] têm como uma de suas condições a linguagem” (DEWEY, 1980, p.31).

O filósofo ressalta a linguagem como “o instrumento dos instrumentos”. E coloca tanto a linguagem quanto a comunicação como centrais na constituição dos sujeitos e dos processos de interação. “Se não houvésemos conversado com outros e eles conosco, jamais falaríamos a nós e conosco próprios” (DEWEY, 1980, p.31). Neste sentido, é marcante o papel da comunicação enquanto constituidora do sujeito, ou seja, o sujeito existe e pensa a partir da conversação com o outro, a partir da comunicação. “Através do falar, uma pessoa identifica-se com atos e feitos potenciais; [...]. Assim emerge a mente” (DEWEY, 1980, p.31).

E como um pragmatista, Dewey entende a linguagem como uma forma de ação, apontando para suas conseqüências.

A linguagem é sempre uma forma de ação, e em seu uso instrumental é sempre um meio de ação organizada para um fim, enquanto, ao mesmo tempo, encontra em si própria todas as recompensas de suas conseqüências possíveis. (DEWEY, 1980, p.39)

A linguagem é um dos elementos estruturadores da interação, tanto entre os sujeitos, quanto dos sujeitos com as coisas. E é também a partir da interação, que se proporciona um partilhamento, que se dá o significado.

A linguagem é especificamente um modo de interação de pelo menos dois seres, um dos quais fala enquanto o outro ouve; pressupõe um grupo organizado ao qual pertencem tais criaturas, e do qual hajam adquirido seus hábitos de linguagem. Por esta razão, trata-se de um relacionamento, não de algo com caráter particular. [...] numa consequência comumente partilhada. Tal comunidade de participação é o significado (DEWEY, 1980, p.40)

Nessa reflexão do filósofo sobre a linguagem, a interação e o significado, destacamos alguns pontos que podem indicar um conceito de linguagem: a linguagem é um modo de interação, é um relacionamento, não sendo de caráter particular, ou seja, é social; a linguagem é uma ação, e logo tem consequências no mundo, então ela também constitui o mundo; a linguagem organiza o mundo; a linguagem possibilita o pensamento, então constitui o próprio sujeito; a linguagem tanto depende quanto promove um partilhamento de sentidos, ou seja, ela cria algo comum. E disso surge o significado: tanto dessa operação feita através da linguagem, quanto desse partilhamento.

Recuperando nossos exemplos, o que podemos pensar em relação à constituição de significados acerca das manifestações de 2013? Se o significado de algo se dá a partir da experiência, que por sua vez é permeada pela linguagem, que tem consequências no mundo, fica evidente uma reflexividade nas significações produzidas pelos sujeitos. Ou seja, tanto os sujeitos definem o que são as manifestações, quanto essa definição por parte dos sujeitos define o que são os próprios sujeitos. E a partir disso, não seria correto de forma alguma, pensar que o sentido do que são as manifestações nos é dado *a priori*, nos é imposto por uma determinada “mídia”, é externo a nós.

Esse sentido vai emergir a partir de toda essa operação complexa que afeta os sujeitos de diferentes maneiras, que envolve diversas trocas, e que é permeada pela linguagem. A compreensão do que são as manifestações resulta desses entrecruzamentos, dessas infinitas interações que vão ocorrendo a partir do surgimento desse acontecimento no mundo. Podemos pensar que essa compreensão será a soma de tudo que os sujeitos vivenciaram nas ruas, mais o que assistiram pela TV, mais o que ouviram dos seus amigos, mais o que já sabiam sobre outras manifestações, mais as imagens que circularam na rede, mais os comentários informais do dia a dia, mais as manchetes dos jornais, mais as conversas tidas em família, e mais todas as situações pelas quais estes sujeitos passaram no período em que estabeleciam uma compreensão do que eram aquelas manifestações nas ruas.

O olhar pragmatista nos traz essa forma de compreensão dos sentidos que circulam na sociedade: como o resultado de diversas interações entre os sujeitos, as coisas e o mundo, que se dão por meio da linguagem e que constituem os significados das experiências que nos afetam e a compreensão da realidade em que vivemos.

Conclusão

Em toda essa reflexão foi possível observar fortemente aquelas três características nucleares do pragmatismo, apontadas na primeira parte deste trabalho: antifundacionalismo, consequencialismo e contextualismo. Vimos como estes traços aparecem na reflexão de Dewey, tanto no conceito de experiência quanto no conceito de linguagem.

Buscamos mostrar como o pragmatismo constitui uma outra maneira de olhar para o mundo e de compreender as coisas. Evidenciamos como essa perspectiva se mostra rica ao possibilitar um entendimento atento à complexidade das interações que ocorrem no mundo e que são constituidoras dos sujeitos. Vimos que a relação entre sujeito e os sentidos que circulam na sociedade pode ser pensada em uma visada interacional e reflexiva, na qual ambos se afetam e se constituem e para tal o conceito de experiência se torna central. Apontamos o quanto essa reflexão é rica para pensar a Comunicação.

Porém, mais do que uma vertente filosófica para apoiar reflexões e pesquisas acadêmicas, que muitas vezes ficarão limitadas e restritas à própria academia, o pragmatismo se mostra como uma forma de compreender a nossa ação no mundo. Independentemente se essa compreensão tem objetivos acadêmicos.

A partir desse olhar pragmatista, não podemos mais experimentar a vida da mesma forma. Não podemos mais produzir sentidos acerca das nossas ações cotidianas de uma maneira dicotômica, a partir de polarizações, separando sujeito e sociedade, tomando as coisas como prontas, dadas, imutáveis. A principal contribuição que toda reflexão acadêmica deveria alcançar é a de interferir na maneira como os sujeitos se colocam e agem no mundo, a partir de novas lentes e de novos instrumentos de ação. E assim, redefinir os próprios sujeitos.

Referências Bibliográficas

DEWEY, John. Experiência e método filosófico. In: DEWEY, John. Experiência e natureza. Trad. Murilo Otávio Rodrigues Paes Leme. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores) p. 3-28.

DEWEY, John. Natureza Comunicação e significado. In: DEWEY, John. Experiência e natureza. Trad. Murilo Otávio Rodrigues Paes Leme. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores) p. 29-52.

DEWEY, John. Ter uma experiência. In: Arte como Experiência. Tradução Vera Ribeiro. Organização Jo Ann Boydston. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FRANÇA, V. R. V. L. QUÉRÉ: dos modelos da comunicação. Revista Fronteiras, São Leopoldo: UNISINOS, v. V, n. 2, p. 37-51, dez. 2003.

FRANÇA, Vera R. Veiga. Práticas comunicativas, valores e instituições. Projeto de Pesquisa – FAFICH, UFMG, Belo Horizonte: 2010-2014.

FRANÇA, Vera R. Veiga. Valores em movimento no cenário midiático-social: leitura dos acontecimentos e da intervenção pública dos sujeitos. Projeto de Pesquisa – FAFICH, UFMG, Belo Horizonte: 2014.

LANA, Lígia. Personagens públicas na mídia, Personagens públicas em nós: experiências contemporâneas nas trajetórias de Gisele Bündchen e Luciana Gimenez. 2012, 286f, Tese (Doutorado em Comunicação Social) — FAFICH, UFMG, Belo Horizonte, 2012.

MENDONÇA, R. F. A liberdade de expressão em uma chave não dualista: as contribuições de John Dewey. In: Venício Lima; Juarez Guimarães. (Org). Liberdade de Expressão: as várias faces de um desafio. 1ed. São Paulo: Paulus, 2013, v.1, p.41-63.

POGREBINSCHI, Thamy. Pragmatismo – Teoria Social e Política. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

QUÉRÉ, L. D'un modèle épistemologique de la communication à un modèle praxéologique. Réseaux, Paris: Tekhné, 46/47, p. 69-90, mar-abril 1991.

SIMÕES, Paula Guimarães. A mídia e a construção das celebridades: uma abordagem praxiológica. Logos, v. 16, n. 2, p. 67-79, 2009.

SIMÕES, Paula Guimarães. O acontecimento Ronaldo: a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo. 2012, 282f, Tese (Doutorado em Comunicação Social) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, Belo Horizonte, 2012.